



OS SENTIDOS DA ESCOLA PARA A VIDA SOCIAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Jailton Santos Silva ¹

RESUMO

Este trabalho aborda as representações sociais dos jovens do ensino médio acerca do papel desempenhado pela escola para sua vida social. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida em uma Escola Estadual no município de Salgado/Sergipe. O trabalho se insere no campo da sociologia da educação, organizando-se a partir das seguintes etapas metodológicas: o aprofundamento teórico da referida temática e de autores que embasam a discussão, a elaboração e aplicação dos questionários contendo 13 questões (abertas e fechadas), e por fim, a tabulação e análise dos dados coletados. Compreendem o universo de pesquisa 22 estudantes dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, com uma faixa etária que varia dos 15 aos 19 anos. Diante das análises realizadas, percebe-se que a escola concebida pela juventude investigada é representada como o *locus* de aquisição de conhecimento e se constitui como um dos mais importantes espaços de interação social, além de ser encarada como meio de acesso aos diversos tipos de capitais simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Juventude. Representações.

Introdução

A relação entre juventude e escola, especialmente na contemporaneidade, tem se desenrolado a partir de uma imensa complexidade, visto ser marcada por características muitas vezes contraditórias, que levam diversos sujeitos sociais a apontar a crise da instituição escolar, enquanto espaço de socialização da juventude.

Torna-se recorrente nos diversos âmbitos do cotidiano, ouvir frases como: “Os jovens de hoje não querem nada”, “Os jovens não se interessam em aprender”, ou ainda “Os jovens só vão à escola porque são obrigados”. Diante desse cenário, o que se percebe é que a juventude, por muito tempo encarada como uma fase transitória entre infância e vida adulta, marcada por comportamentos de irresponsabilidade e insegurança, é culpabilizada pela crise que se estabelece na sua relação com a instituição escolar.

1 Mestre em Educação (PPGED/UFS), Especialista em Ensino de Geografia (IDGEMA/UFAL), Graduado em Licenciatura em Geografia (UFS). Professor da rede municipal de ensino de Feira de Santana/Bahia. E-mail: jailton-santos25@hotmail.com



Encarar a juventude como transitoriedade, como uma etapa com um fim predeterminado, um vir a ser, um aperfeiçoamento para o futuro adulto, impõe uma tendência a considerá-la na sua negatividade, na qual todos os erros recaem sobre si, uma vez que se define como uma fase de teste (DAYRELL, 2003).

A partir da perspectiva da Sociologia da Juventude “Podemos afirmar que a juventude é uma construção social que pode ser vivenciada de maneira diferente, dependendo da condição social, gênero, raça ou religião do jovem, dentre outras variáveis sociais” (NONATO e DAYRELL, 2018, p. 103).

Neste trabalho, a juventude é compreendida a partir de aspectos histórico-culturais, como uma condição social, que tem uma importância em si mesma, sendo fortemente influenciada pelos diversos contextos sociais que a perpassam. Dessa forma, a crise na relação entre juventude e escola como aponta Dayrell (2007) passa a ser vista não como responsabilidade exclusiva dos jovens ou da escola, mas decorrentes de um conjunto de modificações pelas quais tem passado a sociedade ocidental, que ressignificam o papel das instituições sociais, tais como a família e a própria instituição escolar.

Essa crise envolvendo jovens e escola é apontada nas diversas discussões, especialmente a partir dos resultados das avaliações de desempenho e da evasão de alunos do ensino médio. Diante de tal realidade, passamos a nos indagar: qual a concepção de escola de jovens do ensino médio? Como percebem a influência dos conhecimentos escolares para a sua vida social? Qual a importância da escola para a juventude que dela participa?

Nesse sentido, busca-se neste trabalho compreender as representações sociais dos jovens do ensino médio acerca do papel desempenhado pela escola para sua vida social. Tomando o conceito de representações como a forma com a qual os indivíduos com suas ideologias, seus preconceitos e suas características específicas de determinado momento histórico e do grupo social ao qual pertencem, entendem determinada realidade e a partir desse entendimento agem sobre ela.

De acordo com Moscovici (1978):

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1978, p. 28).

Por sua vez, como destaca Alves-Mazzotti (1994), somos cotidianamente bombardeados por uma enorme quantidade de informações que acabam nos afetando, e assim,



no nosso convívio social, somos chamados a nos posicionar sobre elas, emitir explicações que acabam, por vezes, se tornando consensuais com o passar do tempo e para determinados grupos. Assim,

[...] as novas representações vão sendo produzidas e comunicadas, passando a fazer parte desse universo não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras “teorias” do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 61).

Nesse processo, o sujeito reconstrói o objeto analisado, e dessa forma, se constitui como sujeito ativo. De acordo com Alves-Mazzotti (1994, p. 62) “[...] em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material”.

Assim, esse trabalho permite refletir sobre as representações dos jovens do ensino médio acerca de questões importantes que perpassam o ambiente escolar, demonstrando os sentidos adquiridos pela escola contemporânea para este grupo social, e podendo indicar, dessa forma, aspectos que incidem sobre os dados de avaliação do desempenho e evasão.

Metodologia

O trabalho apresenta um caráter quali-quantitativo e foi desenvolvido em uma Escola Estadual do município de Salgado/Sergipe. A referida instituição destaca-se por desenvolver suas atividades exclusivamente com turmas do ensino médio regular, congregando desta forma, a maior parcela dos estudantes dessa etapa da educação básica no município, sendo estes provenientes tanto dos meios urbanos quanto rurais.

O trabalho se insere no campo da sociologia da educação, organizando-se a partir das seguintes etapas metodológicas: o aprofundamento teórico da referida temática e de autores que embasam a discussão, a elaboração e aplicação dos questionários contendo 13 questões (abertas e fechadas), e por fim, a tabulação e análise dos dados coletados.

Compreendem o universo de pesquisa 22 estudantes dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, com uma faixa etária que varia dos 15 aos 19 anos. Do total de participantes, 8 jovens são alunos do primeiro ano, 4 alunos do segundo e 10 do terceiro ano, conforme tabela 01.

**Tabela 01- Alunos por série e faixa etária**

Faixa Etária \ Série	Série				
	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos
1º Ano	2	3	1	2	-
2º Ano	-	4	-	-	-
3º Ano	-	1	4	4	1

Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.

Os questionários de levantamentos de dados foram entregues aos alunos e recolhidos em um período de 48 horas após sua disponibilização. Do total de jovens que devolveram os mesmos, a maioria é do sexo feminino, correspondendo a 59,1% dos pesquisados, conforme apresenta tabela 02.

Tabela 02- Alunos por série e sexo.

Série \ Sexo	Sexo	
	Homens	Mulheres
1º Ano	3	5
2º Ano	2	2
3º Ano	4	6
Percentual (%)	40,9%	59,1%

Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.

A tabulação dos dados foi desenvolvida na perspectiva de agrupar, a partir das respostas dadas para cada questão, as unidades de sentido semelhantes, presentes nas respostas dos alunos, favorecendo estabelecer a partir das análises realizadas, um perfil das representações da escola para os respectivos jovens.²

² Cabe salientar que em alguns casos, uma única resposta possuía mais de uma unidade de sentido para responder a respectiva pergunta, sendo assim contabilizada cada unidade de sentido presente na resposta.



A escola enquanto instituição social tem passado por modificações substanciais nos seus sentidos e significados, com destaque para aqueles atribuídos pelos jovens. Tendo em vista os diferentes modos de ser jovem, que como aponta Charlot (2007) nos permite falar em juventudes, os sentidos atribuídos a escola por sujeitos dessa condição social e a própria ideia de educação que apresentam, são de uma variedade enorme. Para eles, a escola pode assumir contornos tanto positivos como negativos, o que está intimamente ligado, conforme ressalta Bourdieu (1989) a posição que assume dentro do espaço social.

Conforme Nogueira e Nogueira (2006) para Bourdieu a escola assume um papel de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, e neste sentido, se caracteriza como uma instituição não neutra, promotora de uma violência simbólica, uma vez que ao assumir o discurso da equidade formal, negligencia as desigualdades entre a classe dominante e as demais classes por ela atendidas.

Tal pensamento leva-nos a refletir sobre a expansão de matrículas no ensino médio a partir da década de 1990 e conseqüentemente a modificação do público atendido pela escola, anteriormente marcada por uma elite dominante, e que a partir de então passa a se deparar com a inserção de alunos de camadas mais populares, mas que mesmo assim, não modifica o seu discurso, e continua a assumir o discurso da equidade.

Diante disso, observa-se uma modificação de sentidos, dos jovens para a escola, através do aumento do número de jovens nesta, no entanto, em muitas perspectivas não existe o movimento contrário, da escola para o jovem. Como ressalta Dayrell (2007, p.1117) “Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade”.

A juventude representa toda uma heterogeneidade cultural e socioeconômica de forma latente, no entanto, a escola ainda está acostumada à ideia de homogeneidade. Para Carrano (2005, p.160) “A homogeneidade ainda é muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade, seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou étnica”.

Assim, o que podemos observar é que os dados da pesquisa desenvolvida com os 22 alunos do ensino médio, materializam tais teorizações e tornam essas realidades perceptíveis.

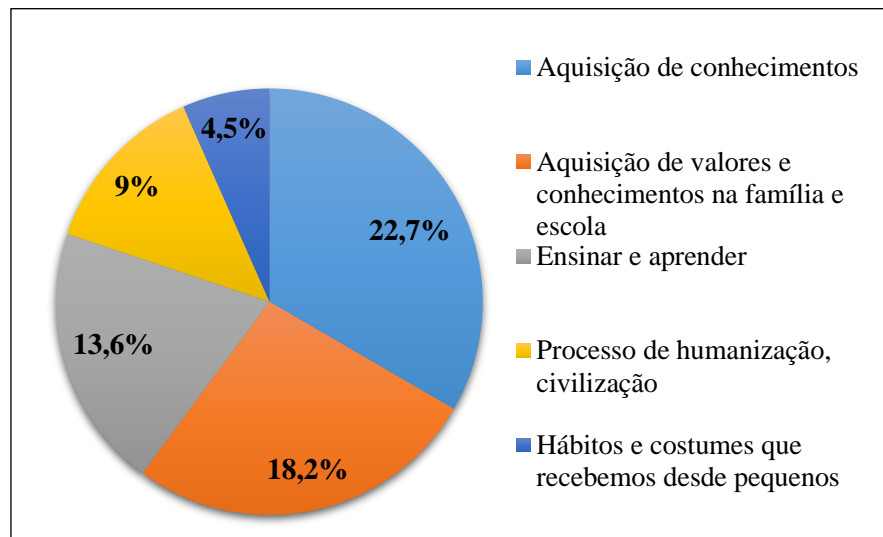
Para os jovens pesquisados, quando indagados acerca da concepção de educação que possuíam, observou-se que não existe uma resposta consensual que a defina. No entanto, para



22,7% desses jovens a educação assume o sentido de aquisição de conhecimentos nos diversos espaços sociais. Além disso, outros sentidos trazidos pelos jovens são de educação como valores e conhecimentos adquiridos na família, educação como humanização, civilização, bem como costumes e hábitos que adquirimos desde pequeno (Figura 01).

Em especial os dois últimos sentidos apontados pelos jovens, nos permitem estabelecer uma similaridade com o pensamento do sociólogo Émile Durkheim (1967), quando o mesmo atribui à educação o papel de organização do ser social, colocando-a como a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas ainda não amadurecidas para a vida social, responsável pela formação de valores morais, éticos e religiosos.

Figura 01- Principais ideias que definem a educação



Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.

Por sua vez, o sentido de educação como valores e conhecimentos adquiridos na família e na escola, vinculadas pelos jovens entrevistados, permiti-nos estabelecer uma relação com o conceito de *Habitus* bourdieusiano, uma vez que este, conforme salientam Nogueira e Nogueira (2006) refere-se ao que interiorizamos do meio social que ocupamos e que irá influenciar consideravelmente a ação, o modo de agir.

Os dados também revelam que 86,4% dos jovens declaram gostar da escola, no entanto, para 13,6% deles, esta instituição possui fatores positivos e negativos que os fazem gostar de determinados aspectos em detrimento de outros. Entre os aspectos positivos destacados, a perspectiva da socialização a partir das relações de amizade é apontada por 40,9% dos jovens,



seguido pela oportunidade de obter mais conhecimento por 27,2%, além da figura do professor e da qualidade do ensino, apontado por 22,7% deles.

Considerando a sociabilidade como o sentido de maior destaque entre os jovens pesquisados, reportamos a Pereira e Lopes (2016) quando apontam que

[...] pode ser que os motivos que os levam a estar no espaço escolar sejam mais do que a busca pela qualificação para o trabalho ou a inserção no Ensino Superior. A escola também é vista como um espaço de sociabilidade, de convivência, de divertimento e a possibilidade de aprender coisas novas, como uma forma de ressignificar e valorizar esse território de aprendizagens (PEREIRA e LOPES, 2016, p. 204).

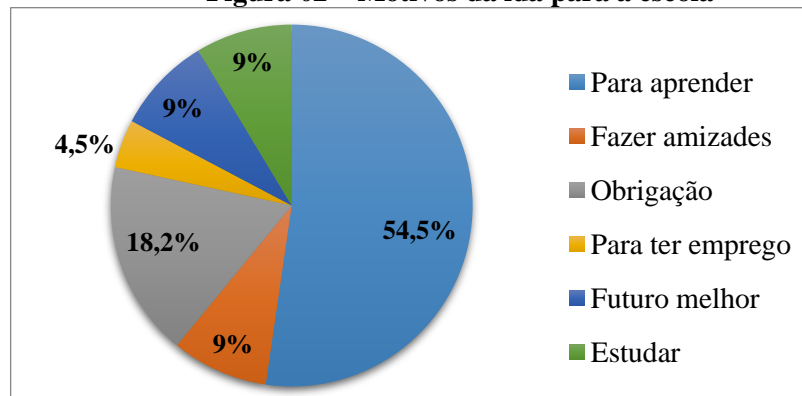
Entre os pontos negativos sobressaem os problemas na infraestrutura da escola, indicados por 45,4% dos jovens, a falta de sentido das aulas e seus conteúdos para o futuro, conforme 9% deles, bem como a falta de compromisso e atenção das autoridades para a educação, também destacado por 9%, como observar-se nas narrativas a seguir:

Não dá para falar de apenas minha sede de ensino, pois os pontos negativos, se refletem em praticamente toda as escolas, que é a falta de compromisso e de atenção das autoridades na educação (Aluno D, 1ª série).
A falta de estrutura para praticar esportes, sem laboratório, biblioteca, e também o lanche falta, e o que está para a compra é caro, e muitos não lancham por conta disso, os banheiros sem descargas.... (Aluno C, 1ª série).

Os pontos elencados pelos jovens estudantes exprimem o desejo de uma escola antenada com as realidades sociais, capaz de contribuir com reflexões sobre a realidade na qual está inserida. Uma escola que faça sentido para a vida e que garanta aos mesmos, condições reais de aprendizagem.

Mesmo diante dos pontos negativos, a aprendizagem é o principal motivo de atração dos jovens entrevistados à escola. Mesmo sendo ela encarada como uma obrigação cotidiana para 18,2% deles (Figura 02).

Figura 02 – Motivos da ida para a escola

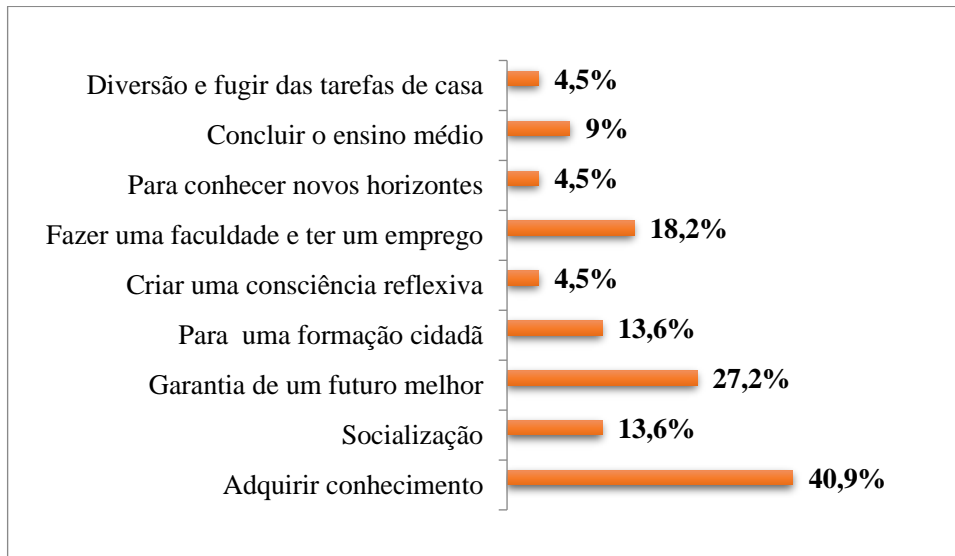


Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.



A respeito do papel que a escola desempenha na vida atual dos entrevistados, observa-se que o sentido de aquisição de conhecimentos e da escola enquanto a garantia de um futuro melhor, ganham notoriedade entre os jovens (Figura 03).

Figura 03- O papel da escola na vida dos jovens hoje



Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.

Percebemos a partir das respostas que a escola é o meio privilegiado de aquisição do capital cultural, caracterizado pelos títulos e conhecimentos escolares, e do capital social para a juventude. Devendo-se ressaltar que para estes jovens, o capital cultural seria mobilizado no sentido de atrair o capital econômico.

Assim, a escola seria responsável por estruturar esses jovens de modo que adquirissem os conhecimentos técnicos e alguns valores da cultura dominante para adentrar no mercado de trabalho. Tendo em vista que este valorizaria para acesso as posições mais prestigiadas, não apenas o conhecimento técnico (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006).

Para 50% dos sujeitos, a escola contribuirá para o seu futuro através do conhecimento fornecido nos dias atuais, uma vez que a partir deles cada um poderá trilhar o seu caminho. Para outros 13,6% a escola aumenta as chances de conseguir um emprego, residindo neste fato a sua grande contribuição futura.

Considerando o que apresenta Nonato e Dayrell (2018) sobre a importância da escola, especialmente na vida de jovens trabalhadores:

Percebemos que a importância da escola se concentra na visão desse espaço enquanto base, alicerce e, especialmente, a necessidade de passar pela escola para ser “alguém na vida”. Isto é, parece existir uma visão instrumental da escola, ou seja, aquela que

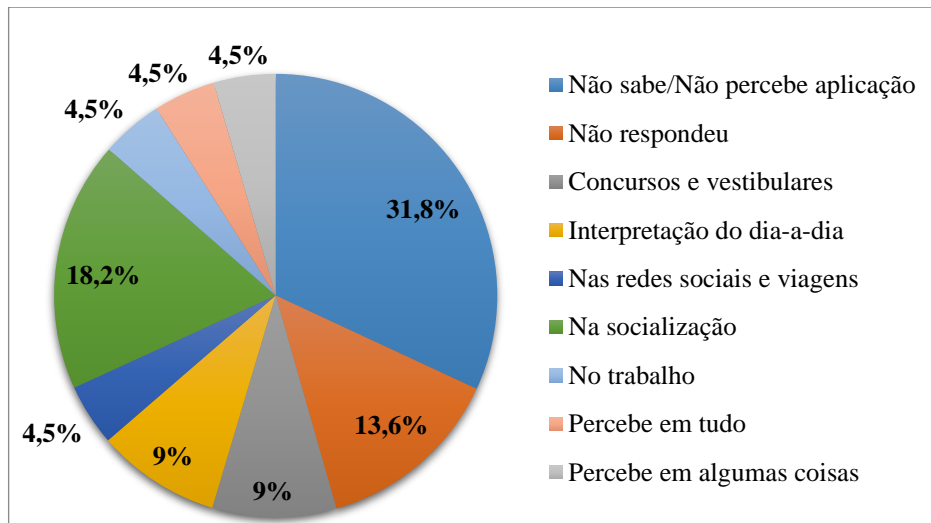


no futuro pode ‘servir’ para alguma coisa, como tentar acessar o ensino superior (NONATO e DAYRELL, 2018, p.112).

Tendo em vista que a maior parte dos sujeitos pertencem à classe popular e que suas famílias, no geral apresentam baixo capital cultural, na perspectiva de Bourdieu esses jovens já estariam em situação de desigualdade em relação aos da classe dominante, uma vez que a escola seria uma extensão da cultura dominante familiar e nesse caso, o jovem popular ao adentrar nesta instituição, não traria determinadas características formadas que lhe favoreceria a aprendizagem no mesmo nível que o da classe dominante. Acrescente-se a isso o fato que diante da sua posição social, as aspirações realizadas por suas famílias, seriam para que estudassem apenas o suficiente para se sustentar, e assim, tenderiam a privilegiar carreiras mais curtas que dão acesso mais rápido ao mercado de trabalho.

Outro ponto abordado na pesquisa refere-se a forma como o conhecimento aprendido na escola é aplicado no dia-a-dia dos jovens. Do total de entrevistados, 31,8% afirmam não saber ou não perceber a aplicação do conhecimento escolar, já outros 13,6% não responderam à questão (figura 04). Diante desses dados, podemos inferir que aproximadamente 45% dos alunos, não percebem a aplicabilidade do que aprendem na escola, fora dos muros escolares.

Figura 04- Aplicabilidade do conhecimento escolar no dia-a-dia



Fonte: Questionários. Elaboração: Autor.

Tal fato, sob a perspectiva bourdieusiana pode ser encarado como a ausência de um modo específico de se relacionar com o saber próprio da escola, que está ligada a classe dominante.

Para Sposito (2008), os jovens:



Depositam confiança na escola, em relação ao projeto futuro, mas as relações são mais difíceis e tensas com o tempo presente, na crise da mobilidade social via escola. Configura-se, desse modo, uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente (SPOSITO, 2008, p.124).

Na perspectiva de Pereira e Lopes (2016):

É importante compreender que os jovens estudantes pedem uma escola que estabeleça uma ligação entre a razão e a realidade, capaz de refletir sobre o significado do conhecimento e a forma como ele está sendo assimilado pelos estudantes, com captação do conteúdo da vida real e criando relações novas no espaço da escola, motivando o estudante para concepções emancipatórias sobre o mundo, o trabalho, as relações sociais, enfim, sobre a vida (PEREIRA e LOPES, 2016, p. 208).

Para Charlot (1996) o sentido da escola estará ligado à atividade que ela desenvolve, cabendo também a ela essa mobilização em relação ao saber como forma de despertar sentido.

Assim os dados revelam que a escola em grande parte dos casos, apresenta uma preocupação demasiada com a transmissão do conteúdo para os jovens, no entanto, desconsidera a aplicabilidade e o sentido que tais conteúdos podem assumir na vida desses sujeitos.

Considerações finais

Diante dos dados analisados, percebe-se que a escola concebida pela juventude investigada é representada como o *locus* de aquisição de conhecimento que se torna responsável por um “futuro melhor”, entendido nesse sentido, como a melhoria das condições básicas de vida e a garantia de um emprego que permita sua sobrevivência.

A escola também representa um dos importantes espaços de interação social, a partir do qual se estabelecem as principais relações de sociabilidade juvenil. Sendo que para estes sujeitos o comportamento social acaba sendo resultado de estruturas incorporadas pela escola e também pela família ao longo da vida, e que passam a orientar a sua ação no espaço social.

A partir da pesquisa, observa-se que a vinculação entre escola como porta de entrada para o mundo do trabalho ainda é muito forte entre os jovens, especialmente os de classe popular.

Cabe chamar atenção para o fato do conhecimento escolar não fazer sentido no cotidiano de parcela significativa da juventude pesquisada. Esse fato reverbera em um desestímulo ante a instituição escolar uma vez que fora da perspectiva do capital cultural os conhecimentos



adquiridos não fazem sentido algum. Esse fato acaba criando nos alunos a ideia de que todas as tarefas escolares são chatas, uma vez que o mesmo não percebe sentido para o desenvolvimento das mesmas. Nesse contexto, a escola acaba assumindo a responsabilidade pelo desestímulo juvenil, uma vez que não se mostra como produtora de sentido.

Por fim, percebe-se que a escola é encarada pela maior parte da juventude pesquisada como meio de acesso aos diversos tipos de capitais, colocando-os em contato com uma cultura dominante e muitas vezes legitimando desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, 1994.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CARRANO, P. C. R. Identidades juvenis e escola. In: BRASIL. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio, 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/803/814> Acesso em: 23 nov. 2016.
- CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (Orgs). **Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 203-221.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 24. p. 40-52, set/dez, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04> Acesso em 08 nov. 2016.
- DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**. v. 28, n. 100. p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100> Acesso em: 08 nov. 2016.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- NONATO, S. P.; DAYRELL, J. T. Juventude, Trabalho e Escola: reflexões sobre a condição juvenil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 101-118, 2018.
- PEREIRA, B. P.; LOPES, R. E. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, 2016.
- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p.87-127.